



CAMINHOS DA IDENTIDADE E DA AUTOESTIMA: UMA AULA

Lúcia Lacerda dos Anjos¹

<https://orcid.org/0000-0002-5362-6387>

Maria de Lourdes Teodoro²

<https://orcid.org/0000-0002-6737-0183>

RESUMO

Comentário crítico que resgata e compartilha a contribuição da psicanalista Maria de Lourdes Teodoro no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, no Brasil, em julho de 2020. Parte do seu artigo no *Correio Braziliense*, “Identidade e Autoestima”, no qual faz referência a uma das suas visitas ao Quilombo Kalunga, no Estado de Goiás, e discorre sobre identidade, sentimentos de pertença, criação de vínculos, linguagem, etc. No artigo, na palestra e no debate que se seguiu, Maria de Lourdes Teodoro fez uma profunda leitura dos conflitos raciais no Brasil, com uma abordagem ancorada em suas pesquisas e publicações sobre identidade e diversidade étnica. Foi uma oportunidade ímpar de aprofundar esses conteúdos de uma questão cara à humanidade.

Palavras-chave: Identidade; Cultura; Educação.

CAMINOS DE IDENTIDAD Y AUTOESTIMA: UNA CLASE

RESUMEN

Comentario crítico que rescata y comparte el aporte de la psicoanalista Maria de Lourdes Teodoro en el Programa de Posgrado en Educación, en la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, en Brasil, en julio de 2020. Parte de su artículo en *Correio Braziliense*, “Identidade e Auto estima”, en lo que se refiere a una de sus visitas al Quilombo Kalunga, en el Estado de Goiás, y habla de identidad, sentimientos de pertenencia, vínculo, lengua, etc. En el artículo, en la conferencia y en el debate que siguió, Maria de Lourdes Teodoro hizo una lectura profunda de los conflictos raciales en Brasil, con un enfoque anclado en sus investigaciones y publicaciones sobre identidad y diversidad étnica. Fue una oportunidad única para profundizar estos contenidos de un problema caro a la humanidad.

Palabras clave: Identidad; Cultura; Educación.

PATHS OF IDENTITY AND SELF-ESTEEM: A CLASS

ABSTRACT

¹ Lúcia Lacerda dos Anjos. Mestranda em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, MS, Brasil. Graduada em Economia e Psicologia, especialização em Fundamentos da Matemática. Área de interesse: Mercantilização da Infância com ênfase na Psicanálise. Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2555627725591294>. E-mail: <lacerda.lucia@yahoo.com.br>.

² Maria de Lourdes Teodoro é escritora, poeta, crítica literária e psicanalista. Pós-doutorado, Visiting Scholar no CLCS e Visiting Fellow no W.E.B. Du Bois Institut for African American Research, em Harvard University/US. Doutorado pela Université de Sorbonne Nouvelle, Paris III, (Identidade Cultural e Diversidade étnica). Membro da SPBsb/ Membro da IPA-International Psychanalytical Association. Professora aposentada da Universidade de Brasília – UnB. E-mail: <lourdes.teodoro10@gmail.com>.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lourdes_Teodoro#Trajet%C3%B3ria_Profissional

Critical commentary that rescues and shares the contribution of psychoanalyst Maria de Lourdes Teodoro in the Postgraduate Program in Education, at the Federal University of Mato Grosso do Sul – UFMS, in Brazil, in July 2020. Part of her article in *Correio Braziliense*, “Identidade e Autoestima”, in which she refers to one of her visits to Quilombo Kalunga, in the State of Goiás, and talks about identity, feelings of belonging, bonding, language, etc. In the article, in the lecture and in the debate that followed, Maria de Lourdes Teodoro made a deep reading of racial conflicts in Brazil, with an approach anchored in her research and publications on identity and ethnic diversity. It was a unique opportunity to delve deeper these contents of a question dear to humanity.

Keywords: Identity; Culture; Education.

O TEMA

Julho, 2020. Era uma manhã fria de inverno. A psicanalista Maria de Lourdes Teodoro inicia a última aula do Seminário em estudos culturais, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. De forma simples e bem humorada, abrihantou a aula com sua presença. Chegou entre nós para trazer mais humanidade e mais amor a este planeta tão controverso.

Fui convidada a moderar uma conversa entre a psicanalista e os demais presentes. Antes do encontro propriamente dito, pesquisei na Internet com vista a conhecê-la melhor. Ao vê-la nas entrevistas, muito me impressionou a sua elegância, delicadeza e o modo franco de se apresentar. Acostumei-me também com a tensão que as questões raciais levantam, talvez por trazerem à tona tantos, e antigos, sofrimentos.

O Professor Dr. Christian Muleka Mwewa, coordenador do mestrado, anunciado acima, iniciou o encontro fazendo a apresentação do currículo de Maria de Lourdes Teodoro e comentou que, ao estarmos “diante de uma intelectual em movimento, com pensamento à flor da pele”, devemos deixar “ela falar sobre o que ela quiser”, embora tivéssemos um “texto como referência” (Teodoro, 1999).

No artigo “Identidade e Autoestima”, publicado no jornal *Brasiliários.com*³ em 28 de maio de 2020, Maria de Lourdes Teodoro traça considerações sobre identidade, sentimentos de pertença, reconhecimento entre os pares da comunidade, sentir-se representado e vínculo afetivo com o grupo a que se pertence. A autora observa que esses sentimentos são feridos quando qualquer indivíduo do grupo, ou o grupo em si, sofre alguma

³ <https://brasiliarios.com/artigos/1444-identidade-e-autoestima>.

discriminação como, por exemplo, racismo; considera ainda o etnocentrismo, em princípio, normal para qualquer grupo étnico. Todavia, ele pode tornar-se um subterfúgio para evidenciar problemas relacionados com conflitos de interesses por bens naturais, como propriedades, acesso a fontes de água, minérios, florestas, etc. A autora considera que a “autoestima saudável” é o sentimento de pertencer a uma família, a um grupo, a uma comunidade, a um grupo étnico-racial, a uma sociedade, saber-se reconhecido, ter um lugar onde compartilhar seus dons; refere-se ainda à relação entre autoestima e vínculo afetivo, cuja origem ocorre no seio familiar. Contudo, segundo a autora, esse ambiente familiar pode não estar à altura das demandas da criança, nem valorizar, acolher e reforçar os seus desempenhos e habilidades. Por outro lado, o aspecto do fenótipo, da aparência, se torna hipervalorizado em sociedades racistas e, por isso, é importante falar do cabelo e da cor de pele como características saudáveis, bonitas e próprias do tipo humano afro-brasileiro. Dar “votos de confiança e estímulo ao potencial individual, gera e fortalece a autoestima de crianças e adolescentes”, diz Teodoro no contexto da aula.

Ao iniciar a conversa com os ouvintes, a autora propôs tratar dos caminhos da identidade, em vez das identidades – como tinha sugerido o Professor Mwewa – para depois avaliar a possibilidade de expansão desta noção ou conceito. Traçou ainda considerações iniciais sobre a sua área de interesse nos últimos vinte anos – a psicanálise – para depois se concentrar na etnopsicanálise, fundada pelo psiquiatra, psicanalista e professor Georges Devereux (DEVEREUX, 1972).

Apenas a título de conhecimento, poderíamos acrescentar, pois não foi diretamente comentado pela professora Maria de Lourdes Teodoro, que a etnopsicanálise articula os conhecimentos da psicanálise e da antropologia e propõe uma relação entre cultura e psiquismo. Devereux debruça-se sobre a etnopsicanálise e a importância da cultura na formação psíquica do indivíduo. Também em Reis et al (2019, p. 3) se afirma que: “A ideia de uma Cultura em si, com ‘C’ maiúsculo, decorre da compreensão do papel constitutivo do fator cultural para o psiquismo humano, de modo que se poderia falar de uma correspondência ou homologia entre ambos”.

A professora Teodoro considerou a etnopsicanálise complementarista como uma base para o conhecimento e abordagem da identidade étnica, suas bases lógicas e suas

disfunções. Após esses primeiros apontamentos, relatou a importância de se voltar ao passado para se situar no presente e a partir daí comentou sobre um capítulo seu publicado recentemente, oriundo da sua tese de doutoramento, intitulado “As viagens do século XV e a identidade”. Com nitidez nas explicações e clareza no entendimento, traçou um breve percurso dentro do seu campo de pesquisa fundamentado na etnopsicanálise. Ao mostrar a importância de se conhecer uma cultura para conhecer o indivíduo, através da etnografia, por exemplo, para melhor perceber os modos de ser, os costumes, as tradições ou rituais, etc., a autora chamou atenção para os desrespeitos que atualmente se intensificam em relação às populações afro-brasileiras e indígenas e a vários grupos étnicos. Tais ataques, como a usurpação de territórios, por exemplo, afetam as suas vidas, sua cultura e identidade.

Continuando a conversa, sempre transpassada pela etnopsicanálise, Teodoro elucidou sobre a formação da identidade através do “Estágio do Espelho” de Lacan (LACAN, 1949). Assim, apresenta a mãe que nomeia e a criança que observa o outro e se observa, ou seja, a importância dos mais próximos na formação da identidade. E destacou assim esse momento da teoria lacaniana: “A criança ao perceber o próprio corpo e ao perceber que aquele que responde aos movimentos dela, ao sorriso, aos sons é um outro que reafirma ser ela mesma (a criança) na imagem do espelho, se reconhece; esse outro é algo que se constrói na relação, então a identificação vai ser a primeira forma, o primeiro vínculo fundador da identidade humana”.

Posteriormente, Teodoro traçou considerações sobre a identificação, trazendo primeiramente o seu sentido comum: a imitação, a simpatia, que é aquele momento em que se faz o vínculo emocional com o outro; considerou a participação afetiva e o contágio mental, expressões derivadas do significado da identificação, que é um processo da relação a dois. A autora apresentou ainda algumas questões inconscientes sobre a formação da identificação que, por sua vez, pode ser aplicada aos grupos humanos, a exemplo da identificação com um líder, ou com alguém carismático, etc.

Após essas considerações sobre os fundamentos teóricos que norteiam os estudos sobre identidade, com base em suas publicações, Teodoro abriu uma outra perspectiva para se falar dos caminhos da nossa identidade (brasileira). Apresentou fatores históricos dos Descobrimentos, que tiveram como uma das primeiras consequências a nomeação de países

“novos”, colocando nomes relacionados às pessoas influentes nos seus países, conforme as experiências e contatos configurados por valores econômicos. Acrescentou que “alguns séculos depois desse encontro que deu origem à história da escravidão e da colonização do Brasil e de outros países e regiões, como o Caribe, os povos colonizados retomarão, sobretudo em alguns países africanos, seu nome próprio e investirão sua energia na valorização de seu passado, como uma busca da identidade pela reunião dos elementos esparsos de uma memória coletiva” (TEODORO, 1999). Percebemos aqui uma certa influência da etnopsicanálise, como quando, de modo semelhante à clínica psicanalítica, o paciente faz um retorno ao passado e tenta elaborar o presente. Pois, como assegurou a palestrante, só “se conhece um povo assim como um indivíduo, conhecendo sua história. Sem história, sem memória não faz sentido pensar identidade; sem conhecimento da história pessoal é bem difícil também poder falar de si”, aludindo aqui à importância do autoconhecimento e do resgate da identidade, neste sentido, “assumindo a africanidade roubada”. Lembrou Freud em “Psicologia de grupo e a análise do ego” (FREUD, 1921), assegurando que “o que acontece com o indivíduo é semelhante ao que acontece na sociedade”, ou num grupo étnico, acrescentou.

Teodoro expôs que este relato foi para lembrar as origens históricas, que nos trouxeram a “esse narcisismo muito complicado”, pois no caso brasileiro “não nos vemos plenamente como uma unidade nacional do ponto de vista étnico, cultural, econômico, por sermos uma sociedade muito fragmentada, muito dividida e com muitas desigualdades extremas”. Percebemos, assim, a importância do processo histórico na configuração da nossa identidade e a etnologia, como assegurou Teodoro, se apresenta em destaque no processo de elucidar a relação entre indivíduo e sociedade. Assim, podemos sintetizar afirmando que, para falarmos de identidade é preciso fazer o percurso histórico que nos constituiu no que somos hoje; dessa forma, o descobrimento, a escravidão, a colonização, etc., nos servem como caminho para entender a identidade cultural brasileira.

Teodoro registrou ainda que, no Brasil, após o período de escravidão, os *afrobrasileiros* foram, de certo modo, excluídos da sociedade e da cultura brasileiras. Sem recursos materiais, enfrentaram a carga da desigualdade social que se estende até hoje e acrescentou em sua aula: “A Lei Áurea não assinala compromisso do Estado com a população

afro-brasileira, não lhes outorgam cidadania, propriedade de terras, direito à saúde, à educação com acesso ao mercado de trabalho”. Um passo que Teodoro assinalou como importante foi dado em 1978, quando vários escritores assumiram sua negritude, se libertaram da alienação, passaram a respeitar o passado e a ter o reconhecimento da sua constituição racial e histórica.

Durante a conversa que decorreu em nossa universidade, e ao comentar o seu artigo no jornal, Teodoro relatou a sua visita ao Quilombo Kalunga, onde a moradora e líder local, à época, dona Procópio, demonstrou a sua firmeza no sentimento de pertença, falou da importância de sentir-se parte, de ser reconhecida e dos laços afetivos com o grupo. Sobre esse encontro no Quilombo, Teodoro comentou: a “importância do reconhecimento da identidade, que o grupo ou a pessoa se atribui, é fundamental para o bem-estar do grupo e dos membros da comunidade”. Acrescentou ainda que dona Procópio reuniu pequenos grupos que estavam separados e formou o Kalunga⁴. Teodoro considerou interessante essa determinação de Procópio, visto que, conforme assegurou, vivemos num processo de fragmentação das identidades. Desse modo, dona Procópio fez o movimento oposto, ou seja, reuniu o grupo, num movimento de reconhecimento de identidades, suas origens e raízes, o que terá sido muito importante para o fortalecimento do grupo.

Continuando a sua aula, e ao comentar sobre o racismo, Teodoro referiu que se tratava de um “ato que visa a desqualificação do sujeito, sua exclusão de algum espaço, a humilhação e a destruição da reputação da pessoa; seu motor pode ser a projeção, ódio, inveja ou a perversão, etc.”. Quando alguém do grupo sofre racismo, “todos sofrem (...), afinal somos mães, pais, avós, tias, primos de crianças, adolescentes, adultos afro-brasileiro(a)s e o sentimento deixa de ser individual quando há consciência política de pertencimento ao grupo”. Para Teodoro, o “desrespeito à pessoa *negra* é um desrespeito, em geral, a toda sociedade brasileira”.

Finalizando o seu comentário sobre o artigo, Teodoro definiu-se como *afrobrasileira* e concordou com Achile Mbembe quanto ao uso do termo “negro” ou “negra” para identificar uma pessoa. E acrescentou:

(...) que o ser negro, considerado o único elemento de nossa identidade, retirado para nos identificar, não nos une politicamente. O que nos une é

⁴ Uso e costume no Brasil. Kakunga se refere à maior parte da população quilombola de Goiás-Brasil.

mais importante do que o que nos separa: estilo de vida, escolhas estéticas, grau de melanina na pele, opções do campo do conhecimento, opções de lazer, gosto musical, questões de classe social, de gênero, de linguagem, endereço pessoal, etc.

E encerrou a sua fala considerando a necessidade de a pessoa não se fechar como uma ostra na cor da pele, encerrando aí toda a sua criatividade, toda a sua capacidade de existir e lutar por uma cidadania livre, equânime.

O DEBATE

Ao iniciar o meu comentário sobre o evento fui tomada por uma grande emoção, pois tinha a consciência da grandeza desse tema tão caro à sociedade. Comentei então sobre a honra daquele momento e referi que li o seu artigo no jornal, assisti a várias entrevistas, através da Internet, e todo esse material cumpriu, a meu ver, o desafio de alcançar uma consciência mais fraterna, de despertar em nós a humanidade. Vivemos em uma sociedade hedonista e a fala de Teodoro suscitou muito a sensibilidade e a vontade de mover e abraçar a luta contra o preconceito, o racismo e a discriminação.

Na ocasião, perguntei sobre o entusiasmo anterior que Teodoro disse ter tido – ao chegar a Brasília em 1958 (conforme consta no artigo do jornal), vivenciou uma utopia, um entusiasmo depois desfeito – e sobre o panorama atual da educação brasileira. Teodoro respondeu: *Brasília em 1958 era uma grande ilusão... de que teria escola e trabalho para todo mundo, um espaço de muita esperança, por isso havia entusiasmo. A família foi a Brasília para se manterem unidos, devido às dificuldades de continuar os estudos onde moravam. A educação em Brasília tinha o propósito de ser um modelo nacional. Havia entusiasmo, pois a qualidade do ensino decorria de uma escolha política; havia abertura de visão, várias atividades, música, desenho, filosofia, línguas estrangeiras; tinha inglês, francês e espanhol. Os estudantes poderiam optar por duas delas, tudo na escola pública. Coisas que hoje não existem mais. Esse entusiasmo vinha também das condições de vida; havia trabalho, entusiasmo dos alunos e dos professores, pois recebiam bons salários.*

Outra proposta que fiz foi se poderia comentar sobre sublimação, visto que Teodoro trabalhou com psicanálise e arte simultaneamente. Teodoro respondeu: *a*

sublimação é uma experiência emocional extremamente importante, pois permite que você lide com energias pulsionais, e onde você não pode resolver de uma maneira desejada pode resolver de forma compensatória. Um sofrimento insuportável pode ser resolvido através da sublimação, quando você coloca essa energia pulsional numa outra atividade.

Na ocasião, a mestranda Vanessa comentou sobre a sua surpresa de um dia, quando em criança uma colega lhe disse que não iria brincar com ela por ser negra. Vanessa se surpreendeu até pelo jeito da menina falar.

O comentário de Vanessa abriu caminho para o desenrolar de várias questões que se lhe seguiram sobre a formação da identidade e a formação da autoestima no desenrolar dos primeiros encontros da criança com a mãe e com a família e/ou com a comunidade em geral, pois tocou o cerne do tema do autoconhecimento.

Na sequência da conversa, Teodoro comentou sobre quando o reconhecimento de ser negro vem de fora, ou seja, quando alguém diz: você é negro. E elucidou, de modo brilhante, a questão do sentimento de pertença; como se forma a criança, sua identidade e autoestima, a partir das primeiras relações, dos primeiros olhares – da mãe, do pai, dos parentes mais próximos, dos familiares: *O ser humano se forma exatamente porque ele tem o outro ali como espelho, que permite que ele tenha percepção da sua imagem corporal e que, aos poucos, se conheça e se reconheça na relação com o outro. Junto a isso, se agrega com o tempo, a subjetividade, a percepção de si mesmo, desgarrado dessa unidade que é a mãe. E vai construindo a subjetividade na relação com o outro. Quando apostam, quando investem, quando afirmam positivamente suas características, sua beleza, seus dons: Ah! Como você é inteligente, Vanessa, como você é linda! – Tudo isso são estímulos positivos, para que você se identifique, reconheça suas habilidades. Dificilmente pessoas de fora, sejam crianças, sejam adolescentes ou adultos, vão realmente produzir um sentimento de humilhação em você se essa sua imagem pessoal tiver sido construída de forma amorosa, contínua, segura, fraterna e amorosa em casa. Isso aí ninguém tira. Aquilo que é forte lá dentro, que tem raízes, bem-estar, autoestima própria, quando isso vem do berço, nenhum branco racista por pior ou melhor que seja na linguagem racista, vai te destruir de fato. Pode te abalar, evidentemente, machucar, fazer sofrer, mas não tirar a sua capacidade de autodefesa de se colocar, de chamar o outro à razão, mesmo que seja seu chefe, seu professor ou professora, seja quem for. Não se*

abre mão do respeito a si próprio. Mas isso lembra o lugar da força e da violência policial contra homens e mulheres afrobrasileiros: contra a força não há argumento. Resta a luta necessária. Nós estamos sempre sendo e nos transformando um pouquinho a partir dos relacionamentos que temos, todo mundo nos influencia. Nós não somos uma rocha fechada inquebrantável, impenetrável; pelo contrário, somos porosos, esponjas, às vezes, sedentos de vínculos. Se identificar é isso de você ter uma empatia com alguém, assumir para si ou reconhecer que há já em você valores semelhantes àqueles. Ou perceber que não tem, mas você quer para si. Você toma para si o que vê do outro. Isso é uma identificação consciente.

Ao finalizar este comentário, Teodoro adiciona: *Se você é afrobrasileira e é muito mais que isso, está longe de a cor da pele ser o essencial do seu ser; não é o essencial do que somos, não é, não pode ser, não deve se tornar. Nosso tom de pele é algo que a gente precisa e deve conhecer, reconhecer, compreender, inclusive conhecer cientificamente para se cuidar, se proteger. Mas não fazer disso um pequeno cárcere privado, a partir do qual nos situamos e olhamos o mundo. Identidade só existe quando há reconhecimento da identidade. Por isso é importante você saber que você é Vanessa, que você é negra, afrobrasileira, historiadora, saber que você é muito mais do que apenas ser negra. Esse é um dado que faz parte dos acontecimentos biológicos da vida: é importante saber disso, situar esse dado culturalmente, historicamente em seus vínculos familiares, e saber que fortalecer sua identidade passa, às vezes, por aceitar o que vem de fora. Ela é construída na relação com o outro sempre, desde o berço e enquanto você estiver viva. A sua identidade existe, mas ela bebe do que vem de fora para se definir, ou você se contrapõe a algo que vem ou você acolhe, aí depende de você ou de como você está organizada psiquicamente, egoicamente para lidar com o que vem de fora, por isso é muito importante o autoconhecimento. Para não se deixar massacrar pelo discurso que desqualifica esteticamente, o discurso desqualifica emocionalmente. O racismo prevê lugares para os não brancos. Quanto mais você sai desses lugares previstos para você, mais você se fortalece e compreende o que é ser uma cidadã livre”.*

O psicanalista Diego fez um comentário acerca da construção social em que o branco é visto como coisa boa e o negro como coisa ruim e referiu que tem negro que fica se identificando com o discurso do branco. Sobre isso, Teodoro comentou que: *“Se a pessoa se*

dá conta de que ela está alienada de si mesma, ignorando sua própria realidade, e está completamente identificada com valores brancos, pode ser uma oportunidade de mudança. O Brasil não tem uma cultura branca, porque uma coisa que a antropologia chamava antigamente de traço cultural, são alguns costumes, modos de fazer, que podem estar na culinária, na religião, no modo de se vestir, em alguns rituais familiares. Esses traços culturais são encontráveis também nas tradições religiosas populares e em algumas formas de lazer. Isso faz uma cultura? Sem dúvida, cultura popular, cultura de massas, cultura erudita, todas formam o que é nossa cultura. Suas expressões lúdicas são parte fundamental, vital mesmo, de toda a cultura. Mas a redução da cultura apenas às suas expressões lúdicas, de estética corporal ou de religiosidade, é que me parece enganosa e ideologicamente interessada. Isso faz lembrar o ano de 1937, quando o Presidente Getúlio Vargas proibiu que a FNB-Frente Negra Brasileira constituísse um partido político, mas a instituição ficava “liberada” para atividades festivas e culturais. Reconheço saberes tradicionais, etnosaberes, os saberes tradicionais indígenas, ou das tradicionais benzedeiras. Em um Terreiro de Candomblé, uma Mãe de Santo, sem a menor dúvida, possui profundos conhecimentos: preciosos, importantes para quem foi beneficiado(a) por eles ou os conhece um pouco, por iniciação. São conhecimentos que merecem todo o respeito, todo o cuidado, todo o esforço para que sejam transmitidos, mantidos vivos. Os conhecimentos “das folhas”, assim como os conhecimentos indígenas de plantas medicinais, são conhecimentos. Mas só são reconhecidos como tais, quando rebatizados em seus “princípios ativos” com nomes científicos... Imperialismo científico cultural? Colonialismo?

É sabedoria olharmos para a cultura brasileira como essa cultura que se compõe da contribuição asiática, africana, europeia, indígena. Eu não abro mão de nenhuma dessas características como patrimônio cultural pessoal e brasileiro. Observem que quando falamos em cultura negra, geralmente, fazemos um “recorte”, enfatizando nossa “personalidade étnica”, para retomar Devereux: religião, adereços, cabelo, danças e jogos que já se tornaram até oficiais, como a capoeira, por exemplo... E, às vezes, nos lembramos de algumas autoras e autores afro-brasileiros que estão na mídia, no momento. Dificilmente estamos pensando no patrimônio territorial, histórico, cultural, científico, tecnológico brasileiro, etc. Mas por que nos excluimos das conquistas do mundo científico e tecnológico que construímos com os demais?

Cultura nos dá a possibilidade de produzir, criar, pensar, de olhar o mundo, de estar no mundo, de subverter esse mundo...

Concluindo, posso dizer que a identidade individual será tão mais rica quanto mais ela estiver aberta ao que realmente está aí – no mundo externo – e que constitui o nosso mundo. Eu sou contra a clausura, a censura, contra as fronteiras. Essa abertura ao desconhecido, ao outro, passa pelo nível pessoal, por você se conhecer e reconhecer suas origens.

Como dizíamos no início, a identidade não tem consistência sem profundidade histórica. Isso tanto vale para a sociedade quanto para o indivíduo, para a sua história pessoal, história dos seus pais, dos seus avós, dos lugares onde vocês moravam, os lugares que vocês ocuparam, de que vocês se apropriaram, a profissão que você escolheu ou está escolhendo.

A sua identidade, não é apenas a sua negritude biológica; são todas essas coisas que incluem a experiência do expatriamento dos nossos ancestrais, da escravidão, da colonização, da chegada progressiva ou massiva de imigrantes brancos, asiáticos e da construção de um país; é muito rico isso tudo. Consciente do seu passado, a identidade é tão mais consistente quanto menos você precisar de se lembrar dela...

Seguidamente, a mestranda Heloise se apresentou como residente do Estado de São Paulo, professora na educação básica, educação infantil e ensino fundamental, e fez esta questão: “sabendo que a identidade é formada a princípio na família, e realmente a gente percebe isso, aquela criança em que a família é cuidadosa, amorosa, receptiva, trabalha bem essa identidade de ser negra; ela vem para a escola muito mais resolvida em relação aos conflitos que são levantados. Como a senhora falou: ‘e daí que eu sou negra, né?’ (...) Como é que eu, como professora, formadora, posso ajudar a criança a construir a sua identidade, se em casa não foi feito isso? A gente que trabalha em escola pública (...) a maior parte de nosso público é negro”.

Teodoro respondeu: *Bom Heloisa, se a criança chegou até à sua sala de aula, esteja certa de que ela tem, sim, sua identidade. Eu não tenho dúvida de que a escola pode fazer muita coisa pelas crianças afrobrasileiras. Já tive algumas experiências como professora de crianças e como convidada para falar em escolas sobre a questão racial. E sei o quanto as crianças no início ficam desconfortáveis para tratar do assunto e no final dos encontros se*

abraçam, se reencontram com elas próprias. A escola precisa ter cuidado com duas datas: 20 de novembro e 13 de maio. Para muitas crianças essas datas são 'dia de inferno'. Porque muitas professoras, talvez por falta de sensibilidade, ou falta de informações, só querem saber que houve escravidão, tortura na escravidão, instrumentos de tortura na escravidão, muitos sofrimentos. É bom que as professoras conheçam a história, mas as imagens que contam essa história da escravidão, por exemplo, não fazem bem às crianças, no ensino básico. Já existe o racismo, o bullying por parte dos coleguinhas que ficam xingando (tom da pele, cabelo, etc.); se a professora acrescenta mais negatividade, vira massacre. Você já teve a oportunidade de observar se houve falta às aulas ou mesmo abandono depois de tais datas?

Porém, se essas datas tiverem espaço na escola, elas devem ser utilizadas para atividades positivas, edificantes. Por exemplo, atividades de teatro, dando um lugar de protagonismo a essas crianças. (...) Cartazes com pensamentos de intelectuais afrobrasileiros/as; exibição de filmes de diretoras de cinema afro-brasileiras, ou filmes que tenham crianças negras como protagonistas; contos, crônicas, romances de escritores negros, escritoras negras; poemas bonitos, textos em que essas crianças se vejam com confiança e alegria. A sonhar também se ensina a ser uma engenheira, um piloto de avião, uma cientista, uma artista plástica, um escritor, afro-brasileiro, etc.

Fazer um trabalho que favoreça a autoestima da criança negra vai ajudá-la a perceber que "é belo, bom e legítimo ser negro", como nos disse Aimé Césaire. Acredito que há muito a ser feito e espero que você, Heloise, venha a ser uma das pessoas incríveis que vai fazer muito pelas crianças afrobrasileiras e vai virar inspiração, modelo, motivação para que outras professoras façam um belo trabalho para fortalecer a identidade dessas crianças. Um trabalho assim é importante para todas as crianças, inclusive as não afro-brasileiras.

O debate continuou com a intervenção de Celson, coordenador do ensino de matemática em sua região e professor dessa disciplina no ensino básico. Celson trouxe a dificuldade de um colega que foi designado para ensinar a matéria em uma escola estadual instalada em um Quilombo da região e não está conseguindo. Para Celson, "o aluno não precisa saber de muitas coisas que são ensinadas". Solicita então a Teodoro uma apreciação sobre essa dificuldade em ministrar a disciplina, tanto no contexto Quilombo quanto no contexto indígena. Teodoro começa por dizer que considera a matemática fascinante e continua: *Todas as áreas de conhecimento, em*

algum momento, precisam da matemática, inclusive a psicanálise. Mas, então Celson, é interessante o que vocês trouxeram sobre o ensino no Quilombo. Vocês estão no caminho certo. Procurar conhecer o Quilombo – descobrir a matemática que já existe por lá –, conhecer as pessoas, seus interesses, problemas que o grupo tenha e para os quais gostaria de encontrar solução, título de propriedade, etc., a título de aproximação do mesmo. Depois, conhecer o meio, a dimensão, características, vizinhança, área cercada, tudo isso é mensurável. Conhecer fontes de água, vegetação, as plantas que têm ali, as árvores, dar nome a elas; a época de florescência, a época em que dão frutos, tempo de maturação dos frutos, o que eles [os quilombolas] fazem... O que plantam, se existe comercialização de produtos, compartilhamento de colheitas; se eles têm agricultura regular, como é que é o cuidado, a irrigação, a venda desses produtos gerados; o que é que eles fazem para sobreviver hoje, próximos (talvez) a centros urbanos, como é o dia a dia, a vida social, cultural e econômica desse grupo. Com boas perguntas, um professor preparado poderá provavelmente ensinar aos quilombolas a matemática dos matemáticos. Porque não devemos transformar a educação dos indígenas nem a dos quilombolas numa versão da educação do Apartheid sul africano: naquele regime os africanos aprendiam o suficiente para servir aos seus patrões. Aqui, nós devemos educar, ensinar para a liberdade.

As últimas questões, levantadas pelas mestrandas Elisangela, Ana e Erika, foram respondidas em um só bloco. Os temas foram a autoestima da criança negra e a alienação no desejo do outro. Sobre essas questões Teodoro considerou: *Primeiramente é preciso lembrar que pode ocorrer a qualquer sujeito humano alienar-se no desejo do outro, independentemente da cor. As motivações me parecem caber no campo da abordagem individual – caso a caso. Foge a toda ética, generalizar nesse campo.*

Por que a criança negra se alienaria no desejo do outro, no modo de ser do outro? A rigor, aqui estamos remetendo a individualidades e não me parece adequado generalizar.

Generalizar sobre tal aspecto implicaria negar às crianças afrobrasileiras o direito à particularidade de ser um sujeito único.

Mas existem várias situações, especialmente narradas na literatura, em que o sujeito renuncia ou esconde a própria identidade de modo a proteger a própria vida ou a evitar ser reconhecido, em dada circunstância (DEVEREUX, 1967). Uma criança negra adotada por uma família branca vê-se pela primeira vez no olhar de uma mulher branca... Isso gera

particularidades a serem respeitadas. Cabe a cada sujeito humano fazer a sua travessia nesses casos.

Então, o que está acontecendo nesse momento é que nós estamos correndo o risco de estar sendo profundamente cruéis uns com os outros.

O fato de a pessoa ser branca, ter muito dinheiro, viajar para a Europa a toda hora, andar de jatinho, não faz dessa pessoa, que nasceu no Brasil, um europeu; eles são brasileiros e carregam como nós toda uma história que inclui escravidão, escravidão indígena, exploração violenta de mão-de-obra, colonização. A ideia do capitalismo, o poder do lucro, o poder do dinheiro fala muito mais alto em nossa sociedade que em muitas outras. Ela está entre as mais desiguais do planeta. Em alguns aspectos, ela é a mais violenta no momento em relação ao assassinato e encarceramento de pessoas afrobrasileiras.

Há afrobrasileiros que, por assumirem a sua personalidade étnica, se recusam a frequentar teatros, cinemas, ouvir música clássica, porque isso não seria música de negro, (...) não vão a certas livrarias, etc. Estão perdendo muito, porque fica-se tentando desconstruir um discurso que é colonial, desmontar para reconstruir, e ao mesmo tempo renunciando a todos os bens culturais que todos nós produzimos, porque não tem nada ou há muito pouco que tenha sido construído só, e exclusivamente, por brancos. Nós participamos de todos os processos, ainda que muitas vezes, na maior parte das vezes, em condições subalternas, o que não deixa de influenciar, inspirar e mesmo criar o meio onde estamos. Também estamos trabalhando como professores, cientistas, pesquisadores.

No Brasil, a primeira dupla de pesquisadoras que falou de Covid-19, que conseguiu mapear o genoma, tinha uma afrobrasileira e uma branca; depois a jovem afrobrasileira deixou de ser mostrada no laboratório da Universidade de São Paulo, junto com a colega dela.

Então temos que reconhecer que não estamos só na periferia. O hábito de não sermos reconhecidos como profissional liberal, como jornalista, como advogado, como professor universitário, como médico, enfermeira, odontologista, microbiologista, pesquisadora, faz também com que, frequentemente, pessoas brancas, lidando conosco, não nos olhem, não nos considerem naturalmente. Há uma falta de cortesia nessas relações que é bem doentia. Precisamos saber e internalizar, que ser afro-brasileiro(a) não é só ter a vassoura

na mão, o avental no pescoço e varrer a cozinha dos outros. Muitos de nós varremos nossas próprias cozinhas somente e fazemos mil outras coisas.

Nós não podemos nos negar o direito a tudo o que é humano, a todo o conhecimento, a toda a arte, a toda a ciência, a toda a tecnologia que circula no planeta. Nós temos direito a tudo isso.

Eu penso que o termo afrobrasileiro reúne mais do que fragmenta. Eu sugiro a quem está preocupado e querendo aprofundar a questão, que leia o ensaio pouco conhecido de Frantz Fanon “Antilhanos e Africanos” (Antillais et Africains) (FANON, 1955) e Achille Mbembe – “Crítica da razão negra” (MBEMBE, 2017)”. Eu traduzi recentemente de Frantz Fanon, Antilhanos e Africanos, que é sobre como os antilhanos lidavam com a questão racial antes de conhecer o racismo vindo dos brancos que chegavam da Europa, durante a II Guerra Mundial.

Ao finalizar o encontro, Teodoro salientou a importância de se aceitar como se é, cada um com as suas próprias características. Enfatizou ainda que essas características biológicas não são essenciais: “se o outro nos coloca nesse lugar inferiorizado e subalterno por conta dessa aparência nos cabe desconstruir esse discurso de subalternização”. E acrescenta: é a pessoa afro-brasileira que deve tomar essa atitude, tanto individualmente, quanto em grupo social.

E é justamente isso que estão fazendo, a Professora Dra. Maria de Lourdes Teodoro e o Professor Dr. Christian Muleka Mwewa, na ação criativa, na ação amorosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, a apresentação e os comentários de Maria de Lourdes Teodoro se detiveram em torno da identidade e da autoestima relacionadas com as questões raciais. A importância da autoafirmação, dos vínculos afetivos iniciais, formados entre os mais próximos, ou na comunidade, e, como bem salientou, a maneira como esses laços iniciais são formados, vão traçando um perfil de autoestima e segurança para a vida, em geral, e para saber lidar com as apreciações de desvalorização que o outro tenta impor. Reportando-se às teorias psicanalíticas freudiana, lacaniana e à etnopsicanálise complementarista, Teodoro

fundamenta a importância da cultura e dos rastros históricos, que permitem articular o passado com o presente. Neste sentido, a história pessoal do indivíduo e a história da formação da sociedade brasileira, assim como a constituição do país e a formação cultural, influenciam na formação da identidade e da autoestima. Portanto, é preciso estar atento ao autoconhecimento para se entender a realidade externa e o mundo interno e aprender a lidar, de forma afirmativa, com tais questões.

Neste processo, a escola tem um papel fundamental no que respeita à formação de pessoas para que se possa afirmar uma identidade saudável; cabe também ao professor reconhecer a criança e acolhê-la com a sua identidade e características próprias, sejam quais forem as suas origens na pluriétnica cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

- DOMINGUES, E.; HONDA, H.; REIS, J. G. A etnopsicanálise de Devereux no filme Jimmy P.: uma introdução à clínica transcultural. *Psicologia em Estudo*, 2019, vol. 24, p. 1-15.
- DEVEREUX, G. *Ethnopsychanalyse complémentaire*, Paris, Flammarion, 1972.
- DEVEREUX, G. *Renonciation à l'identité (La)*: Défense contre l'anéantissement, RFP, v. 31, p. 101-142, 1967.
- FANON, Frantz. Antillais et Africains. *Esprit*, Février 1955. <https://esprit.presse.fr/article/frantz-fanon/antillais-et-africains-18326> (Acessado em Agosto 2018).
- FREUD, S. *Psicologia de grupo e a análise do ego*. In: Edição Standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969 (1921).
- LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zaar, 1998 (1949).
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa, Antígona, 2017.
- TEODORO, M. de L. *Modernisme brésilien et Negritude antillaise*: Mário de Andrade et Aimé Césaire (Collection Critiques Littéraires), Paris/Montreal: L'Harmattan, 1999.
- TEODORO, M. de L. Art and Cultural identity in Brazil (Translated by Christopher Winks), *Black Renaissance Noire*, Vol. 3, no. 1, Fall, pp.102-122, Africana Studies Program, New York University, NY, 2000.
- TEODORO, M. de L. *Identidades culturais e Negritude antilhana*: Prática em literatura comparada. São Paulo, Scortecci, 2015.

TEODORO, M. de L. Identidade e Autoestima. **Brasiliários.com**, 28 de maio de 2020.
Disponível em: < <https://brasiliarios.com/artigos/1444-identidade-e-autoestima>>.
(Acessado em 22 de junho de 2020).

Revisão gramatical pelas próprias autoras.

RECEBIDO 16 DE MAIO DE 2022.

APROVADO EM 20 DE JUNHO DE 2022.